

Os Sermões de Agostinho – uma Prática Pedagógica no Fim da Antigüidade

Jean Lauand

Prof. Titular FEUSP

jeanlaua@usp.br

Introdução

A palavra "sermão", hoje, tem já como segundo significado: "arrazoado longo e enfadonho com que se procura convencer alguém"¹. Nosso tempo, mais voltado para o visual, para os "efeitos especiais", para o imediatismo; pouco dado ao ouvir e à reflexão, mal pode imaginar o que representariam para a educação do povo os sermões de pregadores geniais como Agostinho, Crisóstomo, Bernardo, Tomás de Aquino e outros grandes mestres antigos e medievais.

Além disso, os assuntos doutrinários e teológicos têm para o povo daquelas épocas um extraordinário significado. Ao contrário da nossa, não os encaram como acessório desligado da vida quotidiana, mas como algo vívido e vivido, de profundo alcance existencial. Quando se tem isto em conta, compreende-se o impacto e o alcance educacional que a homilética exerce. O último camponês analfabeto, o pescador mais rústico, podem estar destituídos de tudo; possuem, porém, uma riqueza inalienável: a de encontrar na Igreja (e na igreja) a abertura da alma para a grandiosidade: não só arquitetônica e plástica², mas também a da inteligência e a da palavra, quando têm pastores como Santo Agostinho.

O sermão complementa as leituras litúrgicas da missa: é a pregação oficial da Igreja, onde se expressa também seu caráter hierárquico: é o bispo quem fala de sua cátedra³, geralmente sentado; os fiéis ouvem em pé⁴ (muitos munidos de um cajado para apoiar-se)⁵.

Examinemos o caso de Agostinho. De sua pregação chegaram a nós cerca de mil sermões. A partir de uma seleção de textos extraídos desses discursos aos fiéis⁶, procuraremos apresentar algo do conteúdo e da forma da pregação de Agostinho⁷, e também do alcance que tinha junto ao povo.

¹. Dicionário *Aurélio*.

². O homem contemporâneo, acostumado à funcionalidade da arquitetura Bradesco, como compreenderá o papel de educar-para-a-grandiosidade, educar-a-alma, de uma catedral gótica, dos vitrais, **Biblia illiteratum**, de Chartres?

³. Na igreja antiga, em alguns lugares, era proibido que o presbítero pregasse o sermão; só o bispo podia fazê-lo. Agostinho pôde pregar, mesmo sendo mero sacerdote.

⁴. Já Agostinho reconhece o exagero deste costume -sobretudo quando o sermão se alonga- e louva a prática -corrente em algumas igrejas da época- de que o povo possa sentar.

⁵. cfr. JUNGSMANN, J. A. *El sacrificio de la Misa*, Madrid, BAC, 1963, 4a. ed. p. 503 e ss.

⁶. Além de textos por nós selecionados, valemo-nos em alguns poucos casos de trechos apresentados no clássico MEER, F. van der *San Agustín, pastor de almas*, Barcelona, Herder, 1965.

⁷. Ao final, em contraste com amostras das *Confissões*.

I- Circunstâncias da fala e práticas da audição

Os sermões ocorriam habitualmente aos sábados e domingos:

Parece oportuno, irmãos, comentar a passagem do Evangelho que foi lida, pois é mais freqüente que vocês escutem essa leitura do que pregações sobre ela: porque se ela ocorre num dia que não é sábado nem domingo, não há sermão. (139A, 1)⁸

Começavam bem cedo e, aos sábados, o bispo de Hipona encontrava a elite espiritual de seus fiéis.

Ouvi, pois, com atenção. Temos tempo: começamos de manhã, ainda não é hora do almoço e hoje é sábado, dia em que costumam vir principalmente os que têm fome da palavra de Deus. (128,6)

O povo, tal como era costume na Antigüidade, aplaude. Agostinho é brilhante e, freqüentemente, seus sermões eram permeados de contínuos aplausos e aclamações. Os aplausos servem também para o povo mostrar que entendeu uma alusão mais sutil, ou que concorda, ou que se lembra de uma explicação que já foi dada em algum sermão do passado, ou ainda que achou a sentença particularmente feliz:

Cristo foi ridicularizado, desprezado, preso, açoitado, esbofeteado, cuspidado, coroado de espinhos, suspenso na cruz: e, por fim, a saída da morte (aplausos...). Esta sentença -os que reconheceram, aclamaram- é do salmo (68,21): "e do Senhor a saída da morte" (19,4).

Ou na lembrança de uma seqüência memorável (neste caso, preservamos o original):

Amatur mundus: sed praeponatur a quo factus est mundus.
Magnus est mundus: sed maior est a quo factus est mundus.
Pulcher est mundus: sed pulchrior est a quo factus est mundus.
Blandus est mundus: sed suavior ést a quo factus est mundus.
(Ame-se o mundo, mas ame-se antes Aquele por Quem foi feito o mundo. Grande é o mundo, mas maior é Aquele por Quem foi feito o mundo. Belo é o mundo, mais belo é Aquele por Quem foi feito o mundo. Suave é o mundo, mas mais suave Aquele por Quem foi feito o mundo).

O povo intui que Agostinho vai falar dos dois sentidos bíblicos do mundo: o mundo bom, criado por Deus; e o mundo como inimigo de Deus, e prorrope em aplausos. Agostinho prossegue:

Mas, o que foi que eu disse? O que é que estais aplaudindo? Eu nem tinha lançado a questão ainda e já aplaudistes? Pois aí vai: Como pode o mundo ser mau, se bom é Aquele por Quem foi feito o mundo? (aplausos) Como? Porque o mundo foi feito por Ele, mas o mundo não o conheceu (Jo 1, 10). O mundo, isto é, os que preferem o mundo a Deus etc. (96,4)

⁸. Seguimos neste trabalho a numeração (usual) das edições da BAC (SAN AGUSTIN *Sermones*, 6 vols., Madrid, 4a. ed., 1981-1985; SAN AGUSTIN *Enarraciones sobre los Salmos*, 4 vols., Madrid, 1964-1967) e os textos latinos apresentados nessas edições.

A duração dos sermões era variada -podiam durar 10 minutos⁹; podiam durar 2 horas (como o sermão 51)- em função da conveniência pastoral, do número e da formação dos assistentes, da ocasião litúrgica, da complexidade do tema, da disposição do pregador, ou mesmo do calor. O próprio Agostinho freqüentemente manifesta sua preocupação em não alongar-se (como, por exemplo, no breve sermão 176 em que comenta 3 passagens da Escritura da liturgia do dia: epístola, evangelho e salmo). Alguns sermões eram demorados. Agostinho sabe disso, e ao atingir a metade do sermão 51, diz:

Prestai atenção, irmãos, e tende um pouco mais de paciência, pois daqui a pouco acabará o sermão. (51,17)

O sermão 51 foi excepcionalmente longo e, por isso, Agostinho, de propósito, deixou-o para esta ocasião em que tinha audiência menos numerosa e mais selecionada, e, inclusive, para um dia em que havia os grotescos espetáculos de jogos¹⁰ no anfiteatro¹¹. Agostinho reserva esses discursos mais extensos para os que têm interesse e não pretende aborrecer os outros, "aqueles para quem costuma ser pesada a palavra de Deus" (51,1)¹². Já no começo do sermão, pede aos fiéis que rezem por aqueles que se voltam "não para os espetáculos da verdade, mas para os espetáculos da carne" (51,1).

Também no sermão 68, Agostinho começa avisando que vai retomar com mais vagar (o sermão dura cerca de 45 min.) o evangelho do dia anterior, um domingo em que a multidão se comprimia lotando a igreja e, além disso, estava um tanto inquieta ("Não que a multidão me aborreça"), e sua voz (ele tem já mais de 75 anos) "só é suficiente, com grande silêncio" (68,1).

É evidente que os sermões são fruto da vida interior de Agostinho: ele os preparava com sua vida de oração. Assim, não é de todo raro que algumas vezes explicita que está a falar totalmente de improviso. Como o discurso sobre o salmo 138, que foi ocasionado por uma distração do cantor que, por engano, atacou esse salmo, que não era o indicado para o dia. Agostinho assim começa o comentário ao salmo:

Eu tinha preparado um comentário a um salmo breve, que tinha mandado o leitor cantar, mas na hora, ele, ao que parece, se confundiu e leu um pelo outro. Prefiro seguir a vontade de Deus, que se manifesta no erro do leitor, à minha, que se manifesta no propósito que tinha. Portanto, se eu falar demais, a culpa não é minha [segue-se um discurso de cerca de duas horas!]. (En. 138,1)

II- A memória, valor pedagógico fundamental

O interesse do bispo de Hipona é pastoral e não retórico (embora precisamente por isso, apresente discursos de esmerada beleza). O sermão, como aliás toda a educação da época, pressupõe um valor pedagógico fundamental: a memória.

⁹. Como o 260, "*brevis, sed gravis*", breve, mas substancioso. A mesma fórmula é utilizada no 350, quando, já velho, diz que convém ao sermão de um ancião ser breve e substancioso.

¹⁰. Resquícios de paganismo ainda vigentes na época.

¹¹. E não no dia próprio, o dia de Natal, com a igreja repleta de ouvintes ocasionais, em que esse evangelho -a genealogia de Cristo segundo Mateus e Lucas- tinha sido proposto.

¹². Certamente, boa parte dos que foram à missa da manhã de Natal, pela solenidade da festa, estavam nesse dia nos jogos públicos. Noutra ocasião, em meio ao sermão 176, Agostinho anuncia que após ter falado dos deveres dos fiéis, vai tratar dos deveres dos pastores e, adivinhando a reação desses ouvintes ocasionais que esperam impacientemente o fim do sermão, diz: "Eles (os ouvintes displicentes e ocasionais) dizem consigo mesmo: `Ah, porque ele não acaba logo? Já nos falou sobre os deveres dos fiéis; agora, sobre o que é dever do bispo, isso é problema dele e não nos interessa'" (176,4).

Ao contrário da pedagogia atual que não a valoriza (ou até a despreza), Agostinho e todos os grandes medievais sabem reconhecer a memória como o tesouro por excelência, um precioso "dom de Deus" (283,3). A memória é muito mais do que a mera faculdade natural de "lembrar-se" ou o exercício de habilidades mnemônicas: é a base de toda o nosso relacionamento com a realidade e até uma importante virtude intelectual-moral. "A memória é, para S. Agostinho, a primeira realidade do espírito, a partir da qual se originam o pensar e o querer; e assim constitui uma imagem de Deus Pai, do que procedem o Verbo e o Espírito Santo"¹³. No sermão 52, depois das reservas próprias de toda comparação (sobretudo em se tratando da Sma. Trindade), apresenta três realidades: memória, inteligência e vontade, que se podem apontar separadamente, mas são inseparáveis em sua operação:

Homem, tens memória? Se não a tens como reténs o que digo? Sim, talvez tenhas esquecido o que eu há pouco **disse**. Mas, e este **dis-se** que acabo de proferir, estas duas sílabas, só as reténs porque tens memória. Como saberias que são duas, se ao soar a segunda, já tivesses esquecido a primeira? Por que continuar, por que me esforço por convencer, se é evidente que tens memória?
(...) Quando eu anunciei que ia falar de três realidades já ouvi algumas vozes antecipando: "Memória!". Para dizer isto, de que te valeste? Esta palavra que disseste, "memória", foi produto da tua memória que a reteve; da inteligência, para saber o que retinhas; da vontade, para proferir o que sabias. Demos graças ao Senhor nosso Deus, que nos ajudou na tua pessoa e na minha! Digo-vos com toda a sinceridade que eu estava com muito medo de entrar nessa questão. Temia que satisfazendo os mais capazes, entediasses os mais tardos. Mas, agora, vejo pela atenção com que escutais e pela rapidez com que compreendeis, que não só entendestes, mas até vos antecipais ao que eu ia dizer. Graças a Deus!. Das três realidades em questão só a memória foi mencionada. Memória é só uma delas e, no entanto, dizer "memória" foi obra das três. Não se pode nem dizer a palavra "memória" sem a ação da vontade, da inteligência e da memória. Não se pode nem dizer a palavra "inteligência" sem a ação da memória, da vontade e da inteligência. Não se pode nem dizer a palavra "vontade" sem a ação da memória, da inteligência e da vontade. (52,19-20)

Considerar também o fato de que a época é carente de recursos de escrita (até a escrita manual é dificultosa), ajudar-nos-á a compreender a valorização pedagógica da memória. E muitos sabiam de cor os sermões de Agostinho! Hoje, que professor, que pregador atrever-se-ia a sugerir a seus ouvintes que literalmente decorassem um discurso de uma hora de duração? Para os antigos, isto não é disparatado (cfr. p. ex. 125,11).

O sermão se dirige mais a lembrar verdades já sabidas do que a transmitir ensinamentos novos. E Agostinho não se importa de repetir certas idéias todos os anos. Ao anunciar, por exemplo, que também desta vez vai dar a mesma explicação de anos anteriores do evangelho da sexta-feira de Páscoa (Jo 21, 1-14: a pesca milagrosa dos 153 peixes¹⁴), diz:

Assim como a leitura (litúrgica da Escritura) reativa a lembrança, assim também o sermão existe para reativar a lembrança. Com a ajuda do Senhor, vamos dizer o que todos os anos costumais ouvir.

¹³. Pieper, J. *Das Viergespann*, München, Kösel, 1964, p. 29-30

¹⁴. Que ainda em nossos dias continua sendo o evangelho da missa da sexta-feira de Páscoa.

Ora, se a leitura, que pode ser feita em qualquer outro tempo, deve ser renovada na memória; quanto mais o sermão, (relativo ao evangelho do dia de hoje) que não ouvis senão uma vez por ano? (229M,1).

Os sermões eram tão incisivos que, numa outra sexta-feira da oitava de Páscoa, ao iniciar a curiosa exegese aritmética sobre o número daqueles peixes, 153¹⁵, pelo menos um ano transcorrido desde a última explicação, o povo ainda a lembra e alguns dos ouvintes antecipam-se a Agostinho e começam a tomar-lhe a dianteira: "Vai somando de um em um, de 1 a 17!". E ele tem de pedir-lhes silêncio:

A explicação do fato de serem 153 peixes é a que costume fazemos e muitos tomam-me a dianteira; no entanto, eu vou repeti-la solenemente. Muitos esqueceram; e alguns nem a conhecem. Já aos que não esqueceram, peço paciência e consideração para com os que esqueceram ou ignoram. Quando dois andam por um caminho e um é mais rápido e outro mais lento, está em poder do mais veloz que não deixem de caminhar juntos (250,3).

A memória será ajudada pelas notas que determinados ouvintes tomam (alguns taquigraficamente), enquanto Agostinho fala:

Não devemos passar à margem destes importantes temas, já que aprouve a alguns irmãos acolher o que dizemos não só com o coração e o ouvido, mas também com a pena (En. 51,1).

III- Estilo

Destaquemos desde já a principal característica dos sermões do bispo de Hipona: "Como Agostinho pregava? A resposta é breve: bíblicamente. Agostinho pregava baseando-se nas leituras bíblicas que ocorriam na liturgia ou que ele mesmo escolhia. Sua pregação partia da Bíblia, tratava da Bíblia e se acompanhava da Bíblia (...) Gerações inteiras extasiaram-se ante o modo como ele sabia juntar três ou quatro textos da Escritura, pô-los em harmonia e arrancar um acorde maravilhoso"¹⁶. Agostinho, Tomás de Aquino (e outros grandes antigos e medievais) dão a impressão de terem a Bíblia toda -e todas as conexões entre seus milhares de versículos- diante dos olhos.

Também a forma está a serviço de fins pedagógico-catequéticos e, portanto, da memória. Embora tenham força para atingir-nos 1600 anos depois, os sermões vão dirigidos imediatamente a alimentar a inteligência, a conduta moral e a vida interior dos fiéis durante aquela semana. Os fiéis procuram aplicar o que ouvem no domingo às incidências de sua vida quotidiana: de trabalho, familiar etc.

As considerações espirituais são coloridas por comparações e exemplos que remetem a essa realidade quotidiana. Por exemplo, após exortar ao desprendimento em relação aos bens materiais e criticar contundentemente os avarentos, Agostinho propõe a generosidade, valendo-se da comparação mais familiar a seus ouvintes:

¹⁵. Apresentamos uma das diversas exposições de Agostinho a essa passagem em *O significado místico dos números e outros textos medievais*, Curitiba, S. Paulo, PUC-PR, GRD, 1992.

¹⁶. MEER, F. van der, *San Agustín...* p. 519, 554

Que havemos de fazer pois, com as nossas riquezas? "Sede ricos em boas obras, dadivosos, generosos" (ITim 6,18) ... Deus não quer que percas as tuas riquezas, mas te aconselha a mudá-las de lugar. Que vossa caridade me entenda: suponhamos que não sejas bom conhecedor do trigo e que entrasse em tua casa um amigo perito na conservação desse cereal e visse que o armazenas no chão úmido e te desse um conselho: "Irmão, estás a perder o que com grande esforço colheste, pois se o deixas em lugar úmido, em poucos dias estará podre" "Que devo fazer, irmão?" "Sobe-o para o andar de cima". Tu que ouves um amigo que sugere a elevação do trigo, não ouves a Cristo que te aconselha a elevares teu tesouro da terra para o céu não já para conservar o que guardas, mas para sublimar: guardavas terra e receberás céu; guardavas o perecedouro, receberás imortalidade (En. 48,1,9).

Agostinho incide sobre todos os aspectos da vida. Dizíamos, no início que a Igreja é, desde o fim da Antigüidade e ao longo da Idade Média, a grande educadora do povo. Isto não só no que se refere à educação da inteligência; ela é também a grande escola de formação humana e moral. Numa de suas cartas, Agostinho aponta a ação vivificadora de atitudes éticas "que se ensinam e aprendem em nossas igrejas, que crescem e se espalham por todo o mundo como santas escolas dos povos" (Epist. 93,3).

Pense-se, por exemplo, num aspecto como o da ética profissional -um problema que se apresenta, para o Brasil de hoje (não só quanto aos políticos e empreiteiros, mas de forma generalizada em todos os setores sociais), tão urgente quanto insolúvel, ao menos nas bases em que está equacionada a sua tentativa de solução: a mera criação de mecanismos de controle tão perfeitos, que tornassem a justiça, como atitude pessoal, algo prescindível. O bispo Agostinho, pelo contrário, acredita que não há reforma social que não passe pela reforma pessoal da integridade humana e cristã e, na sua pregação (sempre transbordante de autenticidade), enfatiza a aquisição da virtude. No comentário ao salmo 70, ao chegar ao versículo: *Tota die salutem tuam, quoniam non cognovi negotiationes*¹⁷ vai direto ao ponto central da ética da profissão e dos negócios:

O salmista diz: "ao longo de todo o dia anunciarei tua justiça e salvação, porque não conheci os negócios". Que negócios são estes? Que o ouçam os negociantes e mudem de vida. E se foram praticantes de negociatas¹⁸, que não o sejam; apaguem completamente esse passado; (...) e se o seu comércio é pecaminoso, mudem. (...) Corrijam-se, pois os cristãos, deixem de comerciar¹⁹.

"Mas -pode me objetar o comerciante-, eu trago de tão longe minha mercadoria para um lugar que não a produz, e preciso cobrar mais caro, senão como hei de viver? E está escrito no evangelho: 'O operário é digno de seu salário' (Lc 10,7)".

Ele, no entanto, mente. Mentira, este é um pecado da pessoa, não do negócio, pois se ele quisesse, poderia viver sem este vício. Que eu, comerciante, não lance a culpa no negócio: pois, se minto, sou eu que minto e não o comércio. Eu, comerciante, posso

¹⁷. É a tradução de que Agostinho dispõe.

¹⁸. As palavras *negotio*, *negotiator* têm, no tempo de Agostinho, algum sentido pejorativo relacionado com os de negociata, tráfico, como aparece já em Tertuliano: *ut luxuria negotietur* "para que a luxúria possa exercer seu tráfico" (BLAISE, A. *Dict. des auteurs chrétiens*, Turnhout, Brepols).

¹⁹. "De negociar", entenda-se, "desonestamente". Como, mais adiante, o próprio Agostinho esclarece.

honestamente dizer: "Comprei por tanto, mas estou vendendo por tanto; se te convém, compra". E, assim, o comprador ao ouvir a verdade não seria afastado, antes todos viriam por causa da confiança.

"Com o que então, dirá o comerciante, ele me aconselha não a me afastar dos negócios, mas a não mentir e a não jurar em falso? Que devo fazer? Mudar de ocupação? Longe do vício, outro ofício?²⁰ Devo tornar-me sapateiro, trabalhar com sapatos?"

"Mas, acaso, também não há sapateiros mentirosos? Acaso não prometem começar a trabalhar imediatamente no sapato de um freguês e, tendo recebido o pagamento, deixam esse sapato de lado e começam a ocupar-se de outro, enganando àquele a quem tinham prometido rapidez? Acaso não estão sempre a dizer: "Hoje termino, hoje sem falta!"? E na própria confecção dos sapatos, não cometem tantas fraudes? Fazem uma coisa e dizem que é outra! Mau é o homem, não o ofício! (...)

Os agricultores bons e os comerciantes bons não praticam atos maus; o pecado é dos homens, não das coisas: o que torna o homem mau, não é o negócio, mas a sua iniquidade (En. 70, 1,17)

Agostinho sabe que a beleza é fundamental: não só tem valor em si, como também ajuda a atenção e a memória do ouvinte. Mestre do ritmo, da rima e dos jogos de linguagem, vale-se deles em seus sermões. O 265A, sobre a ascensão do Senhor, começa com estas engenhosas e belas oposições rimadas, dificilmente traduzíveis:

Hoje brilhou o dia solene e santo da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo: exultemos e alegremo-nos nele.

Christus descendit, inferi patuerunt.

Christus ascendit, superna claruerunt.

Christus in ligno, insultent furentes.

Christus in sepulcro, mentiantur custodientes.

Christus in inferno, visitentur quiescentes.

Christus in caelo, credant omnes gentes.

(Cristo desceu, os infernos se abrem; Cristo ascendeu, os céus se glorificam; Cristo na cruz, insultam-no os furiosos; Cristo no sepulcro, mentem os guardas; Cristo nos infernos, sejam visitados os que repousam; Cristo no Céu, creiam todos os povos).

Por mais que desenvolva e fundamente teológica e filosoficamente suas idéias, dá também ao povo fórmulas-resumo rimadas/ritmadas para proveito espiritual de seu ouvinte, que passa a dispor, assim, de um gancho de memória entre a pregação que ouviu hoje e a realidade que ele enfrenta amanhã²¹.

Neste ponto precisamente, reside uma das maiores dificuldades da tradução: como preservar esses jogos de linguagem, tão importantes no caráter do discurso? No sermão 112A, por exemplo, ao referir-se às doutrinas do mundo opostas a Deus e ao compará-las à comida de porcos ansiada pelo filho pródigo, Agostinho diz que são *sonantes*, mas não *saginantés*²² (o que acabamos traduzindo por: "servem para ostentar, mas não para sustentar").

²⁰ No orig.: *Quo enim vocas, quando hinc revocas?*

²¹ Em outros casos, porém, são mais um mero recurso estilístico: ao condenar o linchamento de um militar, homem odiado e mau linchado pelo povo (se bem que ele não defende o mau, simplesmente condena o linchamento), diz: "Fazer o bem é incompatível não com a **militia**, mas com a **malitia**" (302,15)

²² Literalmente: vistosas mas que não nutrem.

Essas formulações, constantes na pregação de Agostinho, exercem sobre o ouvinte um efeito de lembrança semelhante aos dos slogans da publicidade de hoje, com a diferença de que são espontaneamente procurados pelo destinatário, que busca não o fútil consumo, mas a transcendência.

A combinação da espontaneidade e da intenção de falar em linguagem compreensível ao povo simples com o domínio da arte retórica e o arrebatamento de coração pela Sagrada Escritura numa alma sensível e aguda como a de Agostinho explicam o fascínio que seus sermões exerciam sobre os seus ouvintes e sobre nós, leitores de hoje. O bispo de Hipona não se distancia do povo; freqüentemente, quando se trata de falar de defeitos, inclui-se pelo uso do "nós". Num sermão em que vai comentando passo a passo o Pai Nosso, ao chegar ao "perdoai as nossas ofensas..." e afirmar "**somos** devedores, **somos** pecadores", enfrenta o protesto do povo: "Tu não, santo bispo!"

"Sim, sou pecador como vós!" "Não, não, não lances sobre ti esta injustiça!" "Não digo injustiça nenhuma, mas a pura verdade: Sou pecador! (56,11).

IV- Os saberes e as alegorias

O sermão é o núcleo da atividade educadora da época: atinge todo o povo e lá, junto com a palavra de Deus, é-lhe dada a cultura e o saber. Na medida em que para a concepção antiga e medieval, sobretudo para a Primeira Idade Média, tudo no mundo é alegoria e sinal de Deus, podem perfeitamente entrar em jogo no sermão não só a Bíblia, mas também as artes liberais e todos os saberes. São freqüentes em Agostinho, por exemplo, as análises semânticas e etimológicas da linguagem comum:

Examinai a linguagem comum²³: "isto é mais caro do que aquilo", dizeis. Mas que significa "mais caro" senão "mais precioso"? E que há de mais caro que a própria car-idade? Qual pensamos que pode ser seu preço? Como podemos avaliar um preço? O preço do trigo, pela moeda; o do campo, pela prata; o da pérola, pelo ouro; o da caridade, pelo teu eu. Se buscas possuir um campo, uma jóia, um jumento, procuras onde comprar e procuras ao redor de ti; mas se queres ter caridade, amor de Deus, procura-te a ti mesmo e encontrar-te-ás a ti mesmo. Não temas dar-te, se não te deres perder-te-ás. Se alguém quisesse te vender um campo, dir-te-ia: "Dá-me teu ouro"; e se alguém quisesse te vender alguma outra coisa: "Dá-me tua moeda, dá-me tua prata"; ouve o que diz a própria Caridade pela boca da Sabedoria: Dá-te a ti mesmo, "Dá-me, meu filho, teu coração" (Prov. 23, 26). O teu coração andava mal quando era teu e se voltava para ti mesmo, quando eras arrastado por falsos amores perniciosos e lascivos. Tira-o daí! Sê meu e não perecerás. Olha que nada quis deixar em ti com que te ames a ti mesmo Aquele que disse: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente". Que resta de teu coração para que ames a ti mesmo? Que da tua alma? Que da tua mente? "Com todo", diz: tudo exige de ti,

²³. Agostinho faz aqui uma análise paralela à de quem, hoje chamasse a atenção para o fato de que em português (e em outras línguas modernas) palavras que usamos para indicar "a-preço" pessoal, como: **prezado**, **estimado** e **caro** apontam para valor, preço, também no sentido de que o feijão está **caro**, ou no de que se faz uma **estimativa** do preço da mercadoria.

Aquele que te fez. (...) "Mas, se é assim, se nada restou de mim, como posso "amar o próximo como a mim mesmo?" Como amar-me? Como amar-te?" Amas a ti mesmo, ao amares a Deus com todo o teu ser. Não te amas a ti mesmo, quando não amas Àquele que te fez: "quem ama a iniquidade, diz o salmo (11,6), odeia a sua alma (odeia-se a si mesmo)" (34, 7-8)

Outra constante nos sermões de Agostinho (e nos de seus coetâneos) é a exploração do caráter alegórico. Em tudo que é referido na Bíblia, prevalece para eles o significado espiritual, alegórico e místico, sobre o literal. E é aquele significado que deve ser explicado aos fiéis para seu proveito. Daí que também os números, os nomes, os animais etc. referidos na Escritura tenham um sentido a ser esclarecido:

(Agostinho, na oitava de Páscoa, festa para os recém-batizados, está discorrendo sobre o fato de que no dilúvio -que misticamente representa o batismo- na arca de Noé havia 8 pessoas etc.) "No número 8 está representado tudo o que se refere à outra vida (...) Assim como o fluxo temporal neste mundo transcorre pelo ciclo de 7 dias, com razão se chama 8o. dia, o dia no qual repousam os santos das fadigas desta vida etc. (260,C,3; Sermão sobre o mistério do número 8)

Paulo foi tanto maior quanto menor se considerou; foi o máximo porque se fez o mínimo. Pois o próprio nome *paulus* significa pouco, pequeno, menor, mínimo (²⁴); daí que em nossa linguagem corrente digamos: *paulo post tibi loquor* ("daqui a pouco falarei com você"); *paulo ante* ("um pouco antes"). Que é pois Paulo? É ele mesmo quem diz (ICor 15,9): "Eu sou o *menor* dos apóstolos". (112A, 8)

Se Cristo nos prescreveu a simplicidade das pombas, que quererá indicar com a astúcia das serpentes? (Mt 10,16) ... Não te horrorize tudo que se refere à serpente: nela há o que debes odiar; há o que imitar. Pois a serpente, quando está idosa e sente o peso da velhice, passando por um buraco estreito deixa lá sua pele velha e, exultante, reveste-se de uma nova. Imita-a, ó cristão, tu que ouves a Cristo que diz: "Entrai pela porta estreita" (Mt 7,13), e a Paulo (Col 3,10): "Despojai-vos do homem velho e de suas ações e revesti-vos do novo, criado segundo Deus" (64,3).

Claro que Agostinho reconhece perfeitamente o caráter alegórico da alegoria:

Não vamos pensar que ao usar a palavra *alegoria* estou dizendo algo que pertença às pantomimas do teatro. Há certas palavras que acabam sendo comuns a nós e às artes cômicas e indecorosas. Contudo, essas palavras se empregam propriamente tanto na Igreja como no teatro. Eu digo o mesmo que disse São Paulo, quando, ao falar dos dois filhos de Abraão, escreveu: "isto é alegoria" (Gal 4,24). Chama-se alegoria a palavra que soa de um modo, mas acaba significando outra coisa diferente. Por exemplo, Cristo é chamado cordeiro (Jo 1,29); acaso é Ele animal? Cristo é chamado leão (Apoc 5,5); acaso é Ele fera? É chamado pedra (ICor 10,4);

²⁴. Daí, por exemplo, a nossa palavra **paulatinamente**.

acaso é Ele dureza? É chamado monte (Dan 2,35); acaso é Ele elevação de terra? E, assim, há muitas palavras que soam de um modo, mas são entendidas de outro e a isto se chama alegoria (En. 103, 13).

V- Extratos das confissões

Apresentamos aqui, como contraponto aos sermões, algumas poucas passagens das *Confissões*, onde Agostinho fala não ao povo, mas entabula diálogo íntimo com Deus:

Fizeste-nos, Senhor, para ti...

"Grande és, Senhor, e imensamente louvável (Sl 144,3); grande teu poder e incomensurável tua Sabedoria (Sl 146,5)". E pretende o homem, pequena parte de Tua criação, louvar-Te? Logo o homem, revestido de sua mortalidade, revestido do testemunho de seu pecado e do testemunho de que resistes ao soberbo (I Pe. 5,5)? E apesar de tudo isso quer louvar-te o homem, pequena parte de Tua criação. Tu mesmo o moves a isso, fazendo com que se deleite em louvar-Te, pois fizeste-nos, Senhor, para Ti e nosso coração está inquieto até que descanse em Ti. (*Fecisti nos domine ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te*) (I,1).

Quem me dera repousar em Ti!

Quem me dera repousar em Ti! Quem me dará que venhas a meu coração e o embriagues, para que esqueça meus males e me abrace a Ti, meu único bem? Que és tu para mim? Apieda-te de mim e ajuda-me para que eu To possa dizer. Que sou eu para Ti, para que ordenes que Te ame, senão Te aborreces e me ameaças com grandes misérias? Acaso já não é a maior desgraça o próprio fato de não amar-Te? Ai de mim! Dize, pelas tuas misericórdias, Senhor meu Deus, o que és para mim? Dize a minha alma: "Eu sou a tua salvação" (Ps. 34, 3). Fala assim, Senhor, de modo que eu ouça. Vê, os ouvidos de meu coração estão diante de Ti, abre-os e dize a minha alma: "Eu sou a tua salvação". Que eu corra atrás dessa voz e possa Te alcançar. Não escondas de mim o Teu rosto. Que eu morra para que viva eternamente para ver tua face. Estreita é a casa de minha alma para que venhas a ela: dilata-a Tu! Está despedaçada: refaze-a Tu! (I,5).

A busca de Deus no interior da alma

E perguntei à terra e ela me disse: "Não sou eu" e todas as coisas que nela há confessaram-me o mesmo. Interroguei o mar e os abismos e os répteis que me responderam: "Não somos teu Deus, busca-o acima de nós". Perguntei ao céu, ao sol, à lua e às estrelas: "Nós tampouco somos o Deus que procuras", responderam-me. Interpelei então a todas as coisas que estão fora de minha carne: "Dizei-me algo sobre o meu Deus que vós não sois". E exclamaram

todas em alta voz: "Ele nos fez". A minha pergunta era meu olhar; a resposta delas, sua beleza. Então voltei-me para mim mesmo e disse: "Tu quem és?" E respondi: "Um homem". E, certamente, é melhor perguntar ao interior do homem, que julga todas as impressões e notícias do céu e da terra que dizem: "Não somos Deus" e "Ele nos criou" (X,6).

(E no mais recôndito da alma, Agostinho encontra a Verdade e o Bem. Deus é, pois, íntimo e transcendente ao homem: ...)

Tarde te amei...

Tarde Te amei, ó formosura tão antiga e tão nova, tarde te amei! (*Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova, sero te amavi!*). E eis que estavas dentro de mim e eu fora, (*Et ecce intus eras et ego foris*) e fora te buscava, errante pelas coisas tão belas que fizeste. Estavas comigo, mas eu não contigo. (*Mecum eras et tecum non eram*). Distraíam-me de Ti as coisas, que não têm ser senão em Ti. Chamaste e clamaste, e rompestes a minha surdez; brilhaste, refulgiste e afugentaste minha cegueira; exalaste Teu perfume e respirei e anseio por Ti; saboreei-Te e tenho fome e sede; tocaste-me e abrasei-me na Tua paz. (X,27)

Lei da gravitação das almas

Nosso descanso, nosso lugar. (*Requies nostra, locus noster*). O corpo, por seu peso, tende a seu lugar. O peso não arrasta só para baixo, mas para o seu lugar: o fogo tende para cima; a pedra, para baixo. O peso move, dirigindo a seu lugar. O óleo derramado na água fica sobre ela; a água derramada no óleo se situa por baixo: cada um movido por seu peso tende a seu lugar. O que está fora de lugar está inquieto; dirige-se a seu lugar e aquieta-se... Meu peso, meu amor (*Pondus meum, amor meus*); aonde quer que eu vá, por ele sou levado (XIII,9).

VI- Exemplos de sermões

O adiamento da conversão

Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo "**cras, cras**", torna-se corvo: vai e não volta, nunca se converte (224,4)²⁵.

²⁵. Destaquemos os seguintes aspectos: o cristão que não acaba de assumir seriamente seu compromisso com a fé e vai adiando-o continuamente, dizendo "amanhã, amanhã" - a genial onomatopéia **cras**, em latim significa: amanhã- acaba, pela repetição, por transformar-se em corvo, como aquele corvo que deixou a arca de Noé e voava inquieto até encontrar onde pousar.

Natal

Jesus menino, o Verbo-infante²⁶, é doutor de humildade. Aprende, pois, ó homem, e vê em quê Deus se tornou por ti: aprende este ensinamento de tão grande humildade, mesmo que o Mestre não seja ainda capaz de falar! Tu, outrora no paraíso, dominavas a fala a ponto de impor nome a todos os viventes; e eis que teu Criador, por ti, é incapaz sequer de dizer "Mamãe". Tu, que te perdeste no amplíssimo jardim de frutos do Paraíso, tropeçando na desobediência; aí O tens, por obediência, como mortal no estreitíssimo estábulo, para resgatar, morrendo, ao que estava morto. Tu, homem, quiseste ser Deus e te perdeste; Ele, Deus, quis fazer-se homem para recuperar o que tinha se perdido. Tanto te oprimia a soberba humana que só a humildade divina podia te levantar (188,3).

Ele (Jesus menino), que contém o mundo, está reclinado num presépio. Ele, o Verbo, infante²⁷. Ele, que os céus não abarcam; uma só mulher portou em seu seio, reinando ela sobre nosso Rei. Nela, Aquele em quem existimos; ela dava o leite aO que é pão para nós. Ó manifesta fraqueza e admirável humildade, que escondeu toda a divindade! (184, 3).

Pobres ricos e ricos pobres.

"Ouçam conjuntamente o rico e o pobre", diz o salmo. Por rico, Deus entende o soberbo; por pobre, o humilde. Alguém que tenha muitos recursos financeiros e não se ensoberbeça com isso, é pobre; outro, que não tem nada, mas sofregamente as cobiça, Deus o conta entre os ricos e réprobos. Deus vê nos corações -e não nos cofres ou nas casas- quem é rico e quem é pobre (En. 48,1,3).

Eu não mato, eu não roubo...

Não quero que vos considereis justos como se não tivésseis que dizer: "Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido". Mesmo que vos abstenhais da idolatria, da astrologia e das feitiçarias, mesmo afastando-vos dos hereges e das seitas; mesmo que não cometais homicídios, adultérios e fornicções, furtos e rapinas, falsos testemunhos e outras coisas (...) mesmo guardando-nos de tudo isso, não faltam ao homem modos de pecar. Quem vê com agrado o que não convém, peca. E quem é capaz de guardar o olho ou o ouvido? Os olhos, se quiseres, podem fechar-se instantaneamente; mas para fechar o ouvido se requer mais esforço: hás de levantar as mãos para chegar a eles. Não pecas acaso com o ouvido quando ouves o falar mal de

²⁶ **Verbum**, significa Verbo e palavra; **infans**, infante e não-falante.

²⁷ . cfr. nota anterior.

outrem, a impureza, a adulação, o engano? E quantos pecados não comete a língua mortífera? As vezes são tais que impedem de comungar. Os pensamentos, quem os domina? Não é verdade, irmãos, que, com frequência ao orar estamos pensando em outras coisas e como que esquecendo-nos de diante de Quem estamos? (...) Se todas essas faltas se acumulam contra nós, acaso não nos pesarão pelo fato de serem pequenas? Que importa que estejas oprimido por chumbo ou por areia? O chumbo é uma massa compacta; a areia consiste em pequenos grãos, mas se são muitos, pesam igualmente. Também esses pecados são menores, mas não vês como os rios vão recebendo pequenas gotas de chuva e produzem enchentes arrasadoras? Pequenos, mas muitos (56,12).

Só quem ama, canta...²⁸

O salmo nos convidou a cantar um cântico novo. Homem novo, cântico novo. Cantar é próprio da alegria e, se considerarmos bem, do amor. Quem sabe amar a vida nova, sabe cantar um cântico novo (34,1).

Odiar o pecado, amar o pecador.

Julga-te a ti mesmo com rigor; julga o próximo com amor. O que vês, julga; o que não vês, deixa para Deus. E ao julgares, ama o homem e odeia o pecado (49,5).

Acaso sou eu a Igreja Católica?

(Ao povo fiel, interpelado pelas acusações dos hereges que pretendiam desacreditar a Igreja, caluniando o bispo Agostinho)
Falem o que quiserem de mim (...) Eles sabem que não têm razão e voltam suas línguas contra mim, e começam a dizer de mim coisas más: muitas coisas que sabem, muitas que não sabem. As que sabem, são do meu passado: pois houve tempo em que fui, como diz o Apóstolo, estulto, incrédulo e réprobo (Tit 3,3). Não nego que, louco e insensato, estive no erro perverso; e, quanto mais reconheço minha vida passada, mais louvo a Deus que me perdoou. Por que, pois, ó herege, te diriges ao homem e deixas a causa? O que é que eu sou? Que sou eu? Acaso sou eu a Igreja Católica? (...) Quem sou eu, enfim? Não lhes respondais, irmãos, outra coisa senão isto: "Agostinho é bispo na Igreja Católica, carrega a sua carga, da qual ele há de dar contas a Deus. Eu o conheci entre os bons. Se ele é mau, o problema é dele; e se é bom, nem por isso ele é a minha esperança. Porque a primeira coisa que eu aprendi na Igreja Católica foi a não pôr minha esperança num homem" (En. 36,3 19-20).

²⁸. Agostinho liga o apelo, inúmeras vezes repetido nos salmos, "Cantai ao Senhor um cântico novo", ao amor novo do "homem novo", o da graça, de que tantas vezes fala S. Paulo.

Compreensão

Logo, irmãos, em meio aos escândalos (que a conduta do próximo pode nos causar) há um remédio: não penses mal de teu irmão. Sê tu humildemente o que queres que ele seja e já não julgarás que ele é o (pecador) que tu (pensas que) não és (En. 30, 2, 7).

Deus..., não te santificará sem ti.

És obra de Deus, não só porque és homem, mas também na medida em que és justo. E é melhor para ti ser justo do que ser homem. Se Deus te fez homem; tu te fazes justo; fazes melhor do que o que fez Deus. Ora, Deus te fez sem ti; não deste o teu consentimento para que Deus te fizesse: como poderias consentir, se não existias? Aquele, pois, que te criou sem ti, não te justificará sem ti. Ele que te criou sem o teu saber, não te justificará sem o teu querer. Na verdade, porém, é Ele quem justifica: a tua força será a comunhão com a Cruz de Cristo: essa é que será a força para ti (169,13).